



INTERPRETAÇÃO, TEXTO E VIOLÊNCIA: NOTAS SOBRE FREUD

Ricardo Timm de Souza*

Resumo – O artigo procura estabelecer possibilidades de relação interpretativa entre as obras freudianas “Die Zukunft einer Illusion” e “Der Mann Moses und die monotheistische Religion – drei Abhandlungen”, a partir das categorias texto e violência.

Palavras-chave: texto, violência, interpretação, psicanálise, contemporaneidade.

FREUD – TENSÃO E PENSAMENTO PARADOXAL

Não é absolutamente desconhecido o fato de que Freud habitou, ao longo de toda a sua vida, a tensão que se estabelece entre o helenismo e o judaísmo¹. Por um lado, suas contínuas hesitações em ir a Roma, sua filiação à associação B’nai Brith, sua intimidade com algo de afetivo e indizível no judaísmo – algo de importância manifestamente central em sua vida²; por outro lado, a nostalgia eterna do “outro lado”, o ocultamento razoavelmente voluntário de seu conhecimento de línguas semitas, sua vontade em se tornar “Ordinarius” da Universidade de Viena, o extremo “esclarecimento” que dimana de suas obras

* Professor Titular da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia, Letras e Ciências Criminais da PUCRS.

1 - “A oposição clássica entre helenismo e judaísmo em Freud recobre um remorso singularmente intenso, como se o seu amor pela Grécia fosse o signo visível de um verdadeiro renegamento. Cf. a carta que ele escreveu sobre esse assunto a Romain Rolland, com a idade de 80 anos” (ROBERT, 1989, p. 172).

2 - Veja-se a famosa “Introdução” à edição hebraica de *Totem und Tabu*: “Nenhum leitor desse livro conseguirá facilmente colocar-se no estado de sentimentos do autor, que não entende a língua sagrada, que é totalmente estranho à religião paterna como a qualquer outra, não partilha de ideais nacionalistas e, todavia, nunca negou a pertença ao seu povo, sente sua singularidade de judeu e não deseja algo diferente. Caso se pergunte a ele: o que em ti é ainda judeu, se tu abriste mão de toda a esses traços em comum com teus irmãos de raça?, ele responderia: muito ainda, provavelmente a parte essencial. Porém não poderia exprimir atualmente essa essência em palavras claras. Ela será certamente, mais tarde, acessível a um olhar científico...” (FREUD, 1986, p. 293). Dada a evidência cristalina destes elementos incomodamente e conscientemente irresolvidos (não estamos às voltas com o Freud estudante ou neurologista, mas com o Freud maduro de 74 anos de idade), qualquer análise que pretenda desconhecer a complexidade real dessa afeição – como certas biografias, que “resolvem” este problema em poucas linhas e ignoram olímpicamente a tensão central que advém desta difícil convivência *entre* dois mundos –, evidenciar-se-á, no mínimo, como parcial. (Sobre a forma específica do judaísmo freudiano, veja-se ainda Mezan (1985, p. 62-81).

"culturais"³, bem como da maior parte de suas demais obras, e que culmina na intentada conversão ao "deus Logos", tudo isso bem caracteriza os "afetos fortemente ambivalentes", que "sempre provocavam em Freud as suas peregrinações aos santuários da cultura ocidental, lugares do espírito que o atraem irresistivelmente, mas que também o repelem..." (ROBERT, 1989, p. 31) – essa dualidade configura a desinstalação original do pensamento freudiano, caracteriza-o *ex origine* como multifacético e avesso a simplificações gnoseológicas, alimenta sua capacidade de resistência e oposição à "massa compacta"⁴.

A expressão mais aberta dessa ambivalência – mas de forma nenhuma uma das mais fáceis de perceber – é a sutilíssima construção que leva a cabo ao inverter um modo especificamente "não ocidental" de investigação intelectual – a aproximação cuidadosa e inexorável das verdades sempre ocultas sob novas camadas de interpretação, a evitação do verbo "ser" e da sincronização dos dados em um ponto específico do presente, em um jogo contínuo de avanços e hesitações, avanços infinitamente pequenos que levam ao cabo, subitamente, o assomar de uma ideia fulgurante – em uma espécie de "arqueologia do sentido", em um jogo de clarezas mutuamente relacionadas, sempre a exigir certa flexibilização – não excessiva – de determinados princípios lógicos, e que vem à tona em uma cadeia lógica que, apresentada sequencialmente, na verdade, nada tem de sequencial ou óbvia.

Essa inversão, essa prudência no trato do verbo "ser", o jogo de luz e sombra traduzido por esta não repugnância às zonas sombrias da interpretação (repletas na verdade de uma estranha luminosidade), este "vir à superfície" do inusitado sob a forma de uma espécie de "salto mortal lógico" que se desdobra em um discurso bem arranjado, em um estilo francamente irreproduzível e que, ao mesmo tempo, nem desoculta, nem esconde totalmente as suas íntimas possibilidades de desenvolvimento (talvez desoculte e esconda de forma totalmente simultânea a camada de realidade recém-descoberta, em uma contradição assumida de forma absolutamente "natural" e por isso tão atraente), essa particular forma de construção e reconstrução de um determinado discurso que carrega consigo todo um corolário de pequenas sementes intelectuais, acaba por ter como resultado a Psicanálise; e nunca é demais destacar o quão pouco esse modelo de pensamento tem a ver com a "normalidade" da linguagem identificante do Ocidente e sua obsessão pelo verbo Ser no singular e na sincronia do presente do indicativo. Trata-se, muito mais, de um constante interpenetrar-se mútuo de intuições com vida própria, as quais se articulam com dificuldade – e apenas devido aos esforços consideráveis de um estilo muito particular e corajoso – em um discurso unitário, o

3 - Embora conscientes da artificialidade desta classificação, consideramos "culturais" as obras de Freud que se inclinam principalmente à interpretação de determinados mundos culturais amplos, principalmente com referência à história e à sua/nossa contemporaneidade.

4 - "Como judeu eu estava preparado para estar na Oposição e para agir sem a concordância da 'maioria compacta'" (ROBERT, 1989, p. 39) – mas não qualquer judeu, e sim um que havia experimentado, como muitos, a agressão aguda do preconceito.

qual, a partir de então, conserva em si vestígios da tensão original, que lhe emprestam sua particular atratividade.

É natural, portanto, que qualquer interpretação da obra de Freud que tente descobrir e circunscrever certezas irretocáveis e definitivas em uma linguagem denotativa corrente trai a própria tessitura profunda da composição freudiana.

Tal tipo de esforço, aliás, impede, e isto não é uma de suas consequências menos funestas, que a *consciência da tensão* que atravessa, de forma mais ou menos clara, a totalidade de suas obras maiores assuma com clareza sua importância decisiva – aproximadamente como se alguém inferisse, em uma caricatura de psicanálise, que tal ou qual gesto do analisando significasse apenas e definitivamente tal ou qual coisa, e em hipótese alguma outra coisa – ignorando que é justamente a partir da não permanência de certos *sentidos* em determinados e bem delimitados *conceitos* que a possibilidade da investigação das profundezas psíquicas se pode dar; e isso, sem que seja necessário um esforço especial de inteligência para poder ser compreendido: é a própria tensão entre a lógica e a "ilógica" (que escolhe *um* determinado símbolo, e não *outro*, para tal sentido, mas não *explica* nem *exclusiviza* tal escolha, nem a descobre nem a encobre totalmente) que faz com que essa espécie muito particular de "diálética interna" do metadiscurso, que acompanha *pari passu* o discurso, a sua tradução escrita, se revele como a sua verdadeira medula condutora de uma modalidade de reflexão que nega a si mesma *no exato momento em que se totaliza*.

Essa tensão *nunca é dita*, não se expressa propriamente em palavras – apenas se faz presente desde uma infinidade de perspectivas, e, muitas vezes, exatamente em determinados pontos de torção racional que obrigam a inteligência a deter subitamente o seu fluxo "natural" ou naturalizado para poder então (paradoxalmente, em um refluxo por assim dizer "antinatural") apreender um determinado sentido *que permanecerá oculto, caso o fluxo "natural" da inteligência não fosse obstruído ou colocado em questão justamente pelo excesso de clareza que parece irradiar*; e alguns dos momentos culminantes da escrita freudiana representam a quase súbita *pacificação* de certos reflexos intelectuais de corte muito complexo em torno a uma ideia luminosa, a qual haure sua luminosidade desde sua não excessiva pretensão de univocidade, e que a partir de então serve de referência intelectual ao posterior encadeamento de ideias, em um processo *sui generis* de reconstrução contínua e recolocação – realocação, deslizamento, ressignificação – de sentido.

É essa tensão entre naturalidade e antinaturalidade, esta – tomando de Bergson a expressão – "inversão da ordem natural do pensamento", que constitui o verdadeiro tumulto daquele Aqueronte subterrâneo onde, *apesar de tudo*, todas as razões tomam uma forma clara e distinta. É ali, e não no sequestro de uma pretensa racionalidade freudiana unívoca e sua consequente transformação em um discurso monolítico e hegemônico, sempre tirado da cartola a fim de explicar, a todo momento, mundos e fundos, complexidades e simplicidades

individuais e sociais – em uma traição explícita de sua própria dinâmica de nascimento –, que reside a primeira camada interpretativa que se oferece a uma racionalidade moderadamente desimpedida de exagerados pudores lógicos. Porém, “é” apenas a primeira camada, não a única, nem a definitiva: talvez nem a primeira camada, mas seu *anúncio*. Talvez ela nem ao menos “seja” no sentido usual do termo. Em Freud, sua sinceridade é bem maior que sua “claridade” e a confusão que se estabelece pela projeção de um determinado modelo lógico em algo provavelmente – na falta de melhor termo – “paralógico”, como a psicanálise (pelo menos, marcadamente, em suas hermenêuticas “culturais”), não é uma das menores violências que se pode cometer com um autor tão injustiçado (ou “justiçado” pela Totalidade de uma razão encarnada até mesmo em intérpretes aparentemente “benévolos” que, em sua ingenuidade, *queimam* com a pretensão do absoluto e o excesso de claridade que pretendem haurir de uma obra – que não aposta todas as suas fichas nas razões e vontades do Ocidente hegemônico enquanto positivismo ou parapositivismo – sacrificam *exatamente esta obra*, como haviam feito os nazistas). Eis aí a particular *violência ancestral* que se exerce sobre o pensamento freudiano e que, logo após, tomará infinitas feições.

E, não obstante, a complexidade de tais circunstâncias se torna ainda mais difícil, assumindo mesmo uma dimensão patética, quando o próprio Freud tem de se curvar ao discurso “maior” para *salvar* seu próprio discurso à meia-luz, que permanece sempre a uma prudente distância do escancaradamente explícito. É inútil e injusto dissecar, em uma personalidade vincada por uma sinceridade imensa como a de Freud, as razões de tal procedimento; é suficiente sublinhá-lo e respeitá-lo, na medida em que pertence à dinâmica de elucidação que oportuniza uma maior compreensão não só do contexto da construção da obra freudiana, como do contexto de construção de seus maiores contemporâneos e de toda uma época – esse difícil século XX e o que dele se derrama sobre nosso século XXI.

A questão pode então ser colocada, histórica mas precariamente, desta forma: o que faz com que Freud assuma, em certos momentos, uma sintaxe do século XVIII (RICOEUR, [198-], p. 144) para trabalhar temas que assomam das profundezas e confluem no século XX? De forma mais elaborada, dir-se-ia talvez: como o anti-iluminismo explícito de uma perscrutação interpretativa que tem na obscuridade do difuso e do recalçado um de seus núcleos principais (não obstante sua procura processual da claridade, no modelo atrás descrito, mas que *não depende do resultado final claro para assumir legitimação*), pode se socorrer exatamente de um *modus operandi* perfeitamente “iluminista” de construção de um determinado discurso sintaticamente organizado em torno de focos que, levados a sério, expõem exatamente a contradição congênita que a *claridade* pretenderia iluminar? Onde repousa esse paradoxo? Será isso, esse modo de agir finalmente ambíguo, o resultado ou a oportunidade de uma violência cultural?

A ATRAÇÃO DO PARADOXO: *DIE ZUKUNT EINER ILLUSION*

A situação ideal seria naturalmente uma comunidade que sujeitasse sua vida instintiva à ditadura da razão
(FREUD, 1986, p. 284).

– Sim, o homem é de afligir de tristeza, porque em meio à subida constante das massas ele fica cada vez mais solitário, de minuto em minuto
(KAFKA apud JANOUGH, 1983, p. 211).

Concretamente, reconduzindo a questão ao contexto de seu trabalho – como pode Freud, em uma atitude perfeitamente oposta ao fazer psicanalítico em seu áspero dia a dia, em sua difícil construção e reconstrução, postular o absoluto de uma religião – aquela do Logos, em uma escolha não pouco sugestiva, e por meio exatamente de um constructo tão próximo de um "conceito" que se aproxima exatamente de uma ideia de "generalidade" – para tentar superar a própria ideia de religião por meio da exposição racional de seus constitutivos, de uma forma perfeitamente "iluminista"⁵? Seria tal *apenas* uma preferência pendular pela modalidade ontológico-luminosa e pela organização mental do "outro lado"? Ou traduz na verdade uma expressão particularmente intensa de paradoxalidade, em uma formulação muito *pessoal*, que é típica das camadas mais profundas de sua época? Em outros termos, em que camada da realidade se situa o momento interpretativo, o que está realmente sendo ali *dito* exatamente dessa forma e neste momento? Por que, em "Die Zukunft einer Illusion", a afirmação, sob a forma de uma ciclicidade quase obsessiva, de certos lugares-comuns "iluministas", de uma forma precisamente que seduz a todos aqueles que gostariam de ouvir exatamente estas palavras – e não outras, mais obscuras ou complexas – para decidir *ad aeternam* a "essência" correlata um fenômeno, em estilo precariamente kantiano?⁶

Na primeira página desse trabalho, Freud (1986, p. 139) constata que "as pessoas, em geral, tendem a vivenciar sua contemporaneidade de forma, por assim dizer, ingênua (*wie naiv*), sem poder avaliar corretamente seu conteúdo; elas precisam, primeiramente, estabelecer certa distância em sua época, ou seja, o presente deve se tornar passado", caso se queira, de alguma forma, antever o futuro. Esta é uma expressão de se guardar: ela abre

5 - Por Iluminismo, entendemos aqui algo como a clássica definição de Kant: o ato pelo qual o ser humano assume a si mesmo enquanto racional e se independiza da direção externa para conduzir sua razão – "Iluminismo é a saída do ser humano de sua própria minoridade cuja culpa é dele mesmo. Minoridade é a impossibilidade de se servir de seu entendimento sem se servir da condução de um outro" (KANT, 1964, p. 482, tradução nossa).

6 - Não se trata, aqui, de analisar filosoficamente esta obra – o próprio Freud assegura que seu trabalho nesta obra consiste muito mais em investigar o que o homem comum entende como "sua religião" do que em explorar "as fontes mais profundas do sentimento religioso" ("*die tiefsten Quellen des religiösen Gefühls*") (FREUD, 1986, p. 206) – mas, sim, de seguir a organização lógica interna da obra no sentido de evidenciar com clareza o contraponto paradoxal entre um *método* e uma *postulação*.

toda uma possibilidade de compreensão para a época em análise, ela é um elemento estrategicamente ponderador que servirá para reconduzir o discurso à sua prudência, da qual – em mais um paradoxo – ele certamente *nunca se afastou, apesar* das aparências.

O processo de *culturalização* dos instintos – base da própria ideia de cultura (FREUD, 1986, p. 139) – é um processo de enobrecimento, de transformação dos indivíduos potencialmente capazes em indivíduos modelares (*vorbildlich*), hábeis em conduzir e sustentar o processo de renúncia à irracionalidade dos instintos – contrariamente às massas, por natureza amorfas, obtusas e indispostas a renunciar a seus apetites (FREUD, 1986, p. 141). Depõe a favor de uma civilização o fato de seus líderes serem indivíduos desse teor; mas a tentação de, a fim de manter sua condição de condutores, seguir a convulsão das massas sob a forma da expressão de seus desejos, é sempre presente (FREUD, 1986, p. 141) – o que obriga a certa pressão (*Zwang*) na manutenção dessas condições, a fim de que a cultura se preserve (FREUD, 1986, p. 142). A interiorização dessa coação externa constitui a transformação de um ser instintivo em um ser cultural: é um bem cultural do mais alto valor⁷.

Mas o processo de criação da cultura não se dá de forma súbita ou absoluta: divide-se em fases sucessivas de desenvolvimento, das quais apenas uma está sendo enfocada – aquela em que uma determinada forma de "espiritualidade", especificamente de religiosidade, ocupa o mais alto posto na hierarquia dos valores culturais. E Freud (1986, p. 145) se pergunta: "O que são estas representações (*Vorstellungen*) à luz da psicologia, de onde provém o apreço de que goza e... qual o seu verdadeiro valor?" (FREUD, 1986, p. 145).

Ora, caso se indague sobre a religião, sobre o porquê de algo ser "acreditado" (*geglaubt zu werden*) (FREUD, 1986, p. 160), percebe-se que as respostas tendem à irracionalidade – cuja melhor expressão é a clássica sentença da Patrística *Credo quia absurdum* – creio porque é absurdo. Tal sentença pretende, provavelmente, sugerir que a realidade da crença escapa às determinações da razão. Mas o problema é que "não existe nenhuma instância acima da razão" (FREUD, 1986, p. 162)⁸. E ainda uma tentativa de resolver o problema a partir da postulação de um "como se" (*als ob*) só seria possível a um "filósofo": "a pessoa não influenciada em seu pensamento pela arte da filosofia não poderá aceitar nunca tal exigência; para ela, com o recurso ao absurdo e ao irracional encerra-se a discussão" (FREUD, 1986, p. 163)⁹.

7 - É interessante registrar a observação de Freud (1986, p. 145): "não se pode esperar a interiorização de interdições (*Verbote*) culturais por parte dos oprimidos" – uma classe *inimiga* da cultura.

8 - "*Es gibt keine Instanz über der Vernunft*".

9 - "*Der durch der Philosophie nicht beeinflusste Mensch wird sie nie annehmen können, für ihn ist mit dem Zugeständnis der Absurdität, der Vernunftwidrigkeit, alles erledigt*". A quantos penosos mal-entendidos não terá levado tal assertiva! Ela sugere, com certa rapidez, a possibilidade de se pensar e expressar o pensamento "fora" de categorias filosóficas, ou seja, fora da linguagem e de qualquer lógica – como se a expressão de tal opinião não se utilizasse – e de uma maneira agressiva – de categorias filosóficas extremamente claras e identificáveis – as da *Aufklärung* e de uma determinada forma de positivismo radical. É inconcebível supor que Freud fosse ingênuo a tal ponto, ainda que muitos de seus intérpretes o sejam; preferimos reconhecer aqui mais uma instância de construção e habitação no notável paradoxo que permeia toda essa obra, bem como a totalidade das obras "culturais" de Freud.

Assim, a religião não é o derribar da experiência ou o resultado final do pensamento: são ilusões, realização dos mais "velhos, fortes e urgentes desejos da humanidade" – "o segredo de sua força (da religião) é a força destes desejos" (FREUD, 1986, p. 164). As doutrinas religiosas são todas ilusões¹⁰, não passíveis de prova: ninguém pode ser obrigado a nelas crer. A única maneira de conhecer a realidade externa é o trabalho científico¹¹, e existe o caminho de um "pensamento correto" a ser trilhado, diferente daquele da ignorância: "a ignorância é a ignorância" – nenhum direito de crer advém dela¹². É notável e decisivamente esclarecedor o fato de que a religião prometa o que nossos desejos desejam (FREUD, 1986, p. 167). Além disso, se a religião pretende traduzir explicações ancestrais a respeito do mundo, furta-se à ideia de *progresso*, entende-se como antipositivista: seria muito bom poder acreditar em um Deus todo-poderoso, mas seria ainda mais espantoso se nossos ancestrais, antes da era científica, tivessem chegado a um tal conhecimento¹³.

Quem poderia, assim, chegar de forma mais "isenta" ao fundo da questão? Freud (1986, p. 170-171) é da opinião que a Psicanálise se presta à tarefa, uma vez que se constitui em um "método de investigação, em um instrumento imparcial (*parteilos*), semelhantemente ao cálculo infinitesimal" – assumindo o mito positivista da ciência neutra e abstraindo, assim, de todo e qualquer condicionamento que pudesse estar ali presente.

A Psicanálise é, dessa forma, habilitada a separar a realidade da irrealidade. "A religião seria a neurose obsessiva geral da humanidade" (FREUD, 1986, p. 177)¹⁴, e a Psicanálise descobre na massa dos desejos a que ela corresponde uma "negação da realidade" (*Verleugnung der Wirklichkeit*) (FREUD, 1986, p. 177) – ainda que esta realidade haja sido, atrás, expressa como ainda incognoscível em boa parte, uma vez que a ciência só consegue desvelar a realidade aos poucos¹⁵; desse modo, é de se crer que as conclusões da Psicanálise tenham podido assumir, neste ponto, a dimensão do "definitivo" – ou seja, do perfeitamente, platonicamente conceitual, em uma contradição explícita com a própria gênese da Psicanálise em suas acidentadas e muitas vezes contraditórias idas e vindas, enquanto fruto legítimo exatamente da mais alta espiritualidade humana, e *não* sua negação.

A verdade nesse contexto, para Freud, corresponde à visão grega da *Aletheia*, como desvelamento da realidade – e esta é a verdade íntima das crenças religiosas a ser descoberta:

10 - Uma crença é, para Freud (1986, p. 165), uma ilusão quando tem como motivação a satisfação de um desejo: "*Wir heissen also einen Glauben eine Illusion, wenn sich in seiner Motivierung die Wunscherfüllung vordrängt*".

11 - "*Die wissenschaftliche Arbeit ist aber für uns der einzige Weg, der zur Kenntnis der Realität ausser uns führen kann*" (FREUD, 1986, p. 165-166).

12 - "*Die Unwissenheit ist die Unwissenheit*" (FREUD, 1986, p. 166).

13 - "*Wir sagen uns, es wäre ja sehr schön, wenn es ein Gott gäbe als weltenschöpfer und gütige Vorsehung...Und es wäre noch sonderbarer, dass unseren armen, unwissenden, unfreien Vorvätern die Lösung all dieser schwierigen Welträtsel geglückt sein sollte*" (FREUD, 1986, p. 167).

14 - "*Die Religion wäre die allgemein menschliche Zwangsneurose...*".

15 - "*Die Rätsel der Welt entschleiern sich unserer Forschung nur langsam, die Wissenschaft kann auf viele Fragen heute noch keine Antwort geben*" (FREUD, 1986, p. 165).

uma realidade *pronta* de uma vez para sempre, que interromperá o próprio fluxo infinito de investigação da realidade. Essas crenças estão ainda muito encobertas para serem reconhecidas como tal pela massa da humanidade¹⁶, mas se darão a descobrir a partir do progresso "do pensamento, do qual este texto é porta-voz da necessidade" (FREUD, 1986, p. 182). Aliás, não é absolutamente algo negativo o fato de estar condenado a sobreviver por si mesmo; a ciência da humanidade cresceu muito desde os tempos do dilúvio, e aumentará ainda mais o seu poder (FREUD, 1986, p. 182-183). Há que confiar no intelecto e ser otimista; ainda que baixa, sua voz é incansável (FREUD, 1986, p. 186) – pois a ciência já nos provou por meio de muitas conquistas não ser uma ilusão (FREUD, 1986, p. 188)¹⁷.

Dessa forma, pela deposição das certezas dos deuses das religiões, a certeza do Deus Logos, por meio da mediação da Ciência, acabará por se impor; pois ela é a última instância da realidade enquanto cognoscibilidade: "Não, nossa ciência não é nenhuma ilusão. Mas seria uma ilusão pensar que poderíamos obter em outro lugar o que ela não nos pode dar" (FREUD, 1986, p. 189)¹⁸.

Desse modo, temos então a expressão de fé de alguém que intenta circunscrever a raiz de toda crença. Nos inícios da era de profundas transformações na ideia de ciência e de certeza científica, Freud faz profissão de fé de um modelo científico unilinear que se despede historicamente. As religiões tradicionais são substituídas por uma religião da Razão, nos melhores moldes do século XVIII. Segundo Robert (1989, p. 122), Freud, que

[...] já possui definitivamente (a partir do momento em que desmascara a "sedução das histéricas") a parte mais original de sua doutrina, que fornece ao conhecimento do espírito humano o seu primeiro instrumento de precisão. Pois agora ele conhece a proveniência de todas as crenças em um qualquer além-da-experiência; a raiz das ilusões referentes à intervenção do divino ou do sobrenatural nas coisas da vida; a razão de ser profunda das superstições e dos mitos consoladores

E está também completamente mergulhado em seu paradoxo: por um lado, a abordagem de uma *terra incognita* que normalmente apenas à literatura, à poesia e à arte – ao *texto* – era familiar; por outro, a necessidade de generalização *absoluta* do observado. De um lado, uma anti-ciência – pelo menos nos moldes de qualquer ciência até então; de outro, a necessidade de uma moldura epistemológica para que o *novo* para a cultura permaneça minimamente

16 - "Die Wahrheiten, welche die religiösen Lehren enthalten, sind doch so entstellt und systematisch verkleidet, dass die Masse der Menschen sie nicht als Wahrheit erkennen kann" – assim como a criança não compreende, na fábula da cegonha que traz os bebês, quem é verdadeiramente a "cegonha" (FREUD, 1986, p. 178).

17 - "Aber die Wissenschaft hat uns durch zahlreiche und bedeutsame Erfolge den Beweis erbracht, dass sie keine Illusion ist".

18 - "Nein, die Wissenschaft ist keine Illusion. Eine Illusion aber wäre es zu glauben, dass wir anderswoher bekommen könnten, was sie uns nicht geben kann".

comunicável em uma forma "intersubjetiva". A tensão extrema do mundo particular e original de sua interioridade – por um lado, a crença em "premonições, números significativos, coincidências misteriosas e na transmissão do pensamento, em suma, todos os fenômenos que os surrealistas alinharam em seguida, sob o vocábulo de 'acaso objetivo'" (ROBERT, 1989, p. 202); por outro, a extrema necessidade de ocupar o espaço, um espaço cientificamente determinado, um espaço que correspondesse à profecia de que um dia seria "ministro" (ROBERT, 1989, p. 77) – tudo isso configura um ser com "afetos fortemente ambivalentes" (ROBERT, 1989, p. 31), que "frequentemente oscilava entre uma credulidade *afetiva* nas coisas vividas intensamente e uma incredulidade *intelectual* diante da interpretação oculta dos fatos" (ROBERT, 1989, p. 202).

Essa "ambivalência" significa, no fundo, a impossibilidade de reconciliação entre os diferentes. Assim como Freud, apesar de tudo, oscila entre a carga ancestral e o "outro lado", assim também *sua descoberta*, a novidade a que chega justamente por causa dessa irreduzibilidade dos diferentes um ao outro – do mundo dos afetos ao mundo da razão – *oscila entre a superação de toda e qualquer moldura "científica" e o assumir paradoxal de uma moldura científica já então plenamente ultrapassada em termos mais amplamente culturais, e isto a bem de sua própria sobrevivência. E é por esse assumir paradoxal que a outra dimensão pode permanecer (paradoxalmente) plenamente "viva", sem se confundir em um "todo de sentido" em que o diferente entrega à modalidade completamente denotativa da linguagem todo o seu sentido. Em outros termos, é provavelmente por haver sido expressa de forma completamente iluminista – *iluminada* – que a essência da descoberta pôde continuar se referindo à sua dimensão fundamental – à sua *espessura própria* – que escapa, enquanto desejo e além-de-razão de proveniência "obscura", de qualquer "solução" lógica acabada¹⁹ – pois "esclarecer" totalmente o desejo nada mais significa do que eliminá-lo, e não "resolvê-lo". A tensão, origem das inquietações que culminam na psicanálise, está mais viva do que nunca; a contraposição de diferentes permanece "com sentido", como sentido mantém a tensão entre os "dois lados".*

Na origem da psicanálise e de suas descobertas, habita, assim, uma crença pré-racional, anterior a qualquer lógica, no *Diferente*, no que não se resolve simplesmente no "Mesmo" da razão, e em sua "permanência" em um estado de tensão constante. Esta é sua condição fundamental. Quando a psicanálise diz que, geralmente, o que parece "não é", está também dizendo, de forma simultânea, algo porventura mais surpreendente, e isto de forma incisiva: que "o que é" não é *tudo*. Esta é sua dimensão mais recôndita, aquela que o mundo contemporâneo de Freud talvez não pudesse simplesmente entender, mas à qual os cataclismos do século prepararam uma boa e crescentemente significativa recepção. Dessa forma, a "desco-

19 - Em termos de proveniência, e não em termos de explicitação por um sistema psíquico determinista.

berta" da psicanálise está a exigir crescentemente "metadescobertas" que retraiam novamente ao fulcro de sentido renovado sua *irresolução* original²⁰.

Freud *verticaliza* a intuição "espacial" do Diferente, do Outro que pulsa por sob os escombros de uma Totalidade de sentido que tem, na virada do século, a sua missa de réquiem – muito embora perdure até o *gran finale* das guerras mundiais, do Vietnã, do caos sociológico e ecológico e da utopia de não ter mais utopias, típica de um certo ufanismo ideológico da última década do século XX. Ao focar com inaudita clareza o polo racional da compreensão da realidade psíquica, colabora – mais uma vez paradoxalmente! – para que o "outro lado" da explicação possa manter o estatuto da *existência plena* – *uma vez que é definitivamente a "origem" da necessidade da explicação e seu maior e permanente estímulo*, e origem de uma explicação clara a tal magnitude. Em um sentido diferente da maioria de seus intérpretes, pode-se dizer que Freud é um descobridor da "cultura": redescobre aquilo que a Totalidade tem se empenhado, desde que o verbo ser assumiu a direção da linguagem, em neutralizar, e isso não obstante o conjunto de seus otimismo culturalistas²¹; mas faz isso de uma forma a tal ponto sutil, que essa redescoberta se reveste de uma aparência sedutora, tocada por ingênuas esperanças iluminadoras, aparência essa exatamente *inversa* com relação à sua verdadeira "essência" – a qual, naturalmente, não se explica de uma vez por todas, mas antes desvia do conceito e imerge continuamente na indeclinável interpretação contínua e permanentemente inacabada. *Chiaro-oscuro*, ambiente da penumbra na promulgação das luzes: tentativa de se defender da violência aniquiladora da lógica hegemônica do mundo ocidental?

NON PLUS ULTRA: A TENSÃO FEITA TEXTO EM "DER MANN MOSES UND DIE MONOTHEISTISCHE RELIGION – DREI ABHANDLUNGEN"

*Quanto tempo ainda teremos de esperar, até que
também os outros se tornem pacifistas?*
(FREUD, 1986, p. 286).

Surge no presente contexto a indagação óbvia: por que Freud resolve investir sua reputação no desdobramento – embora psicanalítico – de um trabalho cujas bases escapam

20 - É possível que releituras contemporâneas de Freud estejam exatamente nessa trilha; seria aqui porém inoportuno desviar a discussão no sentido de circunscrever suas intuições básicas. De qualquer forma, a aproximação da noção de "diferença" é fundamental para distinguir entre elaborações iluministas – que desejam que a diferença seja "subsumida" nas razões da Razão – e contemporâneas – que objetivam preservar o Diferente e "opor a cada razão estabelecida uma outra razão", no dizer inspirado de Camus; tudo isso, no que se refere à compreensão da essência da questão.

21 - "Alles, was die Kulturentwicklung fördert, arbeitet auch gegen den Krieg" (FREUD, 1986, p. 286).

completamente à sua familiaridade, e em que sentido esse trabalho paradoxal coroa sua obra²²? Por que o universo de uma tese polêmica, e não uma nova apresentação apoteótica do novo corpo de conhecimentos freudianos, estava destinado a coroar sua produção?

Pois Sigmund Freud era já reconhecido como um dos grandes espíritos do século, com uma vasta e revolucionária obra conquistando crescente consagração apesar de todas as dificuldades, quando resolve empreender sua construção mais temerária e mais polêmica. Trata-se do romance histórico *O homem Moisés e a religião monoteísta* – três ensaios. É com o espírito despojado dos que “têm pouco ou nada a perder”²³ que Freud lança – não sem consideráveis hesitações (FREUD, 1986, p. 457) – sua grande tese histórica: Se Moisés não fosse um judeu, mas um egípcio. Mas a tese em si é fracamente histórica ou científica: não se sustenta historiograficamente. Todavia, todo um universo de significados e relações é haurido dela, seu desenvolvimento se move em uma lógica própria e toma, do autor, um tempo muito longo de preparação e revisão, caracterizando uma situação de plena consciência autoral (FREUD, 1986, p. 458). Esse livro tinha, apesar das confidências do autor a Arnold Zweig (FREUD, 1986, p. 457), *de vir à luz* de alguma forma, ainda que causando profunda inquietação ao autor (FREUD, 1986, p. 459) e a despeito das dificuldades muito especiais que teve e conscientemente teria de enfrentar (FREUD, 1986, p. 506).

Assim, esse trabalho estava destinado a coroar a obra freudiana; e essa coroação não apresenta as características talvez esperáveis de uma tranqüila e madura síntese equilibrada. O que em *O futuro de uma ilusão* estava imerso na penumbra da busca da “clareza”, esclarece-se em *O homem Moisés* pela assunção da clareza que a penumbra pode e deve significar. Trata-se de uma obra no limite do paradoxo, uma tese excessivamente ousada, a qual exige, por sua própria postulação (e independentemente de todas as interpretações psicanalíticas que se possa ou queira dar) a imediata contraposição científica e exame crítico. Mas talvez seja justamente esta uma de suas grandes finalidades: *manter viva a contradição, trazendo-a à inequivocidade de uma explicitação*, na condição de base de uma reconstrução cultural retrospectiva. A grande história do povo judeu, repleta de tensões e contradições, idas e vindas, condenada à sobrevivência, forçada à dispersão e à violência, digladiando-se com a própria memória, a pior e a melhor das lutas (YERUSHALMI, 1993, p. 81) e tendendo à imortalidade e ao exílio como sentido do real, é expressa em uma estranha *contradição literária*, em um *texto* de tessitura especial, em uma exposição decidida, marcante, inequívoca, a qual não é, por sua vez, senão a expressão aqui mais adequada e legítima, o símbolo grandioso de

22 - Sobre este livro e este assunto já se escreveram obras notáveis e controversas (cf., por exemplo, YERUSHALMI, 1992), e nossa intenção não é estudar seu conteúdo, mas apenas examinar brevemente as condições de seu surgimento, desde nossa ótica interpretativa.

23 - “*Mit der Verwegenheit dessen, der nichts oder wenig zu verlieren hat...*.” “Der Mann Moses und die monotheistische Religion – drei Abhandlungen” (FREUD, 1986, p. 503).

uma "contradição original" que subjaz a qualquer interpretação. No fundo, continua em jogo a questão original entre o Mesmo e o Outro, a tensão original do Novo *em construção*, mas construção difícil, tensa e que se alimenta constantemente de todo um corolário de paradoxos acessórios, um constante *arriscar-se*, arriscar-se a iluminações como a abismos infundáveis, exilar-se no desconhecido. Tensão de vida feita *sobrevivência*, intervalo de significação entre sentidos insuficientes.

Onde estará a paz? Certamente não no aceitar de uma convivência violenta com a Totalidade. *Antes expor de forma inquestionável a própria essência da contradição, do que em algum mínimo momento deixar que se sugira que esta não existe ou foi triunfantemente anulada*; antes viver de coragem renovada a desafios impossíveis, do que condescender com convites redentores suspeitos e sínteses apressadas – é isso que exige terminantemente a nobreza freudiana de um ancião torturado. Definitivamente, o sentido é maior que a linguagem que o expressa, e bem mais dificilmente inteligível – e, não obstante, tem de ser expresso. A obra da cultura apenas começa; tem ainda, muito mais, a conotação exata de uma gigantesca obra de barbárie: esta tem sido, até aqui, sua *verdadeira* história reiterada, independentemente do que possa sugerir qualquer historiografia. Negar tal fato seria, acima de tudo, *insincero* porque irreal; e assim, se tal não pode ser dito na linguagem do otimismo historicista ou iluminista, que o seja ao menos na *linguagem do paradoxo*. Afinal, qual o *texto real* que não tem, em sua constituição mais ancestral e profunda, essas duas dimensões conviventes: surgir como *tempo* que se desenrola *ainda*, e trazer nesse tempo o *testemunho* da violência de um mundo e o anúncio ou *traço* de sua oposição a esse estado de coisas? Ali não há, em nome de alguma redenção falsa, nenhuma espécie de convivência com o absurdo.

Interpretation, text and violence: notes on Freud

Abstract – The article aims to establish possibilities of interpretative relation between the Freudian texts "Die Zukunft einer Illusion" and "Der Mann Moses und die monotheistische Religion – drei Abhandlungen", on the basis of the categories Text and Violence.

Keywords: text, violence, interpretation, psychoanalysis, contemporaneity.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. *Kulturtheoretische Schriften*. Frankfurt a. M.: Fischer, 1986.

JANOUGH, G. *Conversas com Kafka*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

KANT, I. Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung? In: KANT, I. *Werke in sechs Bänden*, Band 6. Frankfurt a. M.: Insel Verlag, 1964.

MEZAN, R. *Freud, pensador de cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RICOEUR, P. *O conflito das interpretações*. Porto: Rés, [198-].

ROBERT, M. *De Édipo a Moisés: Freud e a consciência judaica*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

YERUSHALMI, Y. H. *O Moisés de Freud: judaísmo terminável e interminável*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

YERUSHALMI, Y. H. *Ein Feld in Anatot: Versuche über jüdische Geschichte*. Berlin: Wagenbach, 1993.